

Transmissão e apropriação linguística na poesia medieval “ne m’ en chal[t]”

Maria Ana Ramos*

1. A análise de um *refran*, atribuível a Fernan Garcia Esgaravunha, põe em relevo a propensão de um trovador na construção sintáctica e nas opções lexicais tomadas para a elaboração de uma cantiga galego-portuguesa¹. O fenómeno da apropriação linguística é, de facto, bem

* Universidade de Zurique.

¹ Adopto a designação galego-portuguesa, ao manter a perspectiva que tradicionalmente qualifica o movimento literário trovadoresco ibérico. Releiam-se a este propósito as páginas escritas por C. Michaëlis a propósito da utilização do binómio *galego-português* (MICHAËLIS, 1904, II, p. 778-813). É sua a expressão «Galliza maior e antiga» [p. 778] que, em termos estritamente linguísticos, será concebida por J. M. Piel como “Galécia Magna” (PIEL, 1975; CASTRO, 1991, p. 161-240 [168]; CASTRO, 2006, p. 64). A dupla designação, paralela a outros casos românicos de termos justapostos, igualmente binários (anglo-normando, franco-provençal, franco-veneto) é corrente no plano literário, embora não seja, hoje, sistematicamente adoptada na classificação de textos não literários nas respectivas áreas geográficas. Como exemplo, repare-se, no entanto, no título do estudo de C. Maia, *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referências à situação do galego moderno)* (1986) com reimpressão em 1997 e, em complemento, a importante recensão de R. Lorenzo (1987). C. Maia sintetizou também a perspectiva das referências ao galego pelos filólogos e linguistas portugueses (2002), assim como as duas outras brochuras, incluídas na mesma colecção (Cátedra de Estudos Galegos da Universidade de Lisboa), abordam a questão histórica e sincrónica relativa à situação linguística da faixa ocidental da Península Ibérica (VÁSQUEZ CUESTA, 2002; CASTRO, 2002). O *continuum* linguístico, preconizado já por Menéndez Pidal (1962, p. 16-21), continua a ser tomado em consideração, mesmo por linguistas galegos, que reconhecem esta subsistência dialectal (FERNÁNDEZ REI, 1988, p. 100). Para os textos não literários, a justaposição *galego-português* tende a não ser sistematicamente perfilhada, comparando a designação mista ou a individualizada (SOUTO CABO, 1996; 2003; FERNÁNDEZ REI, 1988; FERNÁNDEZ REI-SANTAMARINA, 1999). Para textos em prosa, a formulação é, em geral, também autónoma (LORENZO, *La traducción gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla*, 1977), mas para a produção literária poética, a confluência *galego-português* continua a ser regularmente acolhida. Sobre este assunto, veja-se a extensa e lúcida reflexão de R. Lorenzo, da qual extraio o carácter particular da designação compósita admitida para a poesia trovadoresca: «Pódese aceptar que se fale do período trovadoresco ou galaico-português se facemos referencia unicamente á poesía trovadoresca, na que se inclúen autores de Galicia e Portugal, e mesmo doutras zonas, mais se nos referimos á prosa, esta designación carece de sentido para nós e en Galicia só podemos falar do período medieval coma un conxunto, desde o XIII a inicios do XVI, e designar a este período coma o do galego arcaico» (LORENZO, 2004, p. 29). A periodização correspondente ao português é sintetizada pelo próprio Lorenzo (2004, p. 28-29) no citado estudo e também por I. Castro (2004, p. 83-88; 2006, p. 73-78). Recentemente, G. Tavani, dando importância ao espaço galego na génese e na difusão da poesia trovadoresca, propõe a simples designação de poesia galega, uma espécie de «Provence» peninsular (TAVANI, 2008).

documentado pela cantiga A 126 onde, em articulação com a estrutura estrófica, o poeta intercala um *refran* produzido em outra língua, alheia ao galego-português, ilustrando este contexto um dos mais esclarecedores casos de plurilinguismo literário na produção lírica galego-portuguesa².

Ao estudar as lições, transmitidas pelos cancioneiros da Ajuda e Colocci-Brancuti, pareceu-me que, mais do que um *refran* graficamente deteriorado pelos efeitos da tradição manuscrita, estávamos em presença de uma configuração artificiosa, conducente a uma conjunção linguística, que tanto se servia da *langue d'oïl*, como da *langue d'oc*, criando formas dissimuladas – fingidas – entre radicais e desinências³. Esta dimensão mista assumiria, além disso, particular importância em uma construtura retórica que fortalecia um *change* linguístico em uma cantiga edificada sob a tipologia da *chanson de change*. Se o motivo contempla a *chanson de change* (a canção da troca [de amada]), a expressão manifesta-se através de actos de *changes* linguísticos. O *refran* encontra-se disposto do seguinte modo no *Cancioneiro da Ajuda* [fl. 32r-fl. 32v]:

[D]izer uus quereu uã ren. sénor
que senpre ben quige **or sachaz ue ro**
ya men que ie soy uotr ome lige⁴.

² A 126 corresponde à sigla relativa ao *Cancioneiro da Ajuda* e ao número da cantiga na edição crítica do códice (Michaëlis 1904). Adopto as siglas, tanto para os manuscritos, como para o nome dos trovadores, commumente usadas pelos estudiosos da lírica galego-portuguesa, reenviando em particular para a convenção instituída por G. Tavani no seu *Repertorio Metrico* (TAVANI, 1967).

³ Examinei esta questão no estudo *Percepção literária e diversidade linguística. A propósito de um refran da lírica galego-portuguesa*, dedicado a G. Bossong. É deste ensaio que aqui reproduzo os tópicos principais (RAMOS, 2008).

⁴ A leitura de Carter respeita a lição do códice. Deve-se, no entanto, mencionar que a correcção marginal inclui <q'ie soy uotr ome lige> e não apenas <que...lige>, devendo assinalar-se que o <que>, indicado por Carter em modo pleno, encontra-se efectivamente abreviado <q'> (CARTER, 1941, p. 76, n. 2, 3). No *Cancioneiro Colocci-Brancuti* (f. 63v-f. 64r), a transcrição (B 241) apresenta-se sem subsistência de correcção, ou de escrita titubeante: Molteni (cantiga 227) transcreve *ar sachaz eu ro ya men / que iesoi u otromen lige*, onde deve ser corrigido *sachaz* para <sachaz> (MOLTENI, 1880, p. 102-103). A disposição do *Cancioneiro* quinhentista ilustra já uma transcrição verso a verso, enquanto o *Cancioneiro da Ajuda* colocava a primeira estrofe em versos contínuos em escrita horizontal (por vezes, com individualização anotada por um ponto) em concordância com as frases melódicas que ali seriam incluídas (MOLTENI, 1880, p. 102). Esta presença musical do modelo é neste caso exemplar com a separação silábica do advérbio <ue ro / ya men>, cujas sílabas deviam concordar com a posição material das notas musicais na pauta. A mesma separação ocorre ainda na cópia do século XVI – um dos poucos vestígios de marcas de escrita em concordância com o modelo musical neste cancionero mais tardio –, mas a distância que é visível entre <uotr ome>, e que pode apontar para realizações melismáticas, degenera na tradição posterior em uma sucessão inteligível em galego-português <u otromen>, com um <u> equivalente à locativa. Não se trata, portanto, de uma «separazione scorretta delle parole», como presume M. Spampinato Beretta, devida à incompreensão dos copistas dos dois cancioneros, mas de uma conexão entre reprodução

Para rememorar o contexto, e melhor posicionar o *refran* plurilingue, reproduzo a cantiga, atribuída a Fernan Garcia Esgaravunha, na edição de C. Michaëlis (1904 I, cantiga A 126, p. 255-256) que, apesar de breves correcções, se impõe ainda como uma boa leitura crítica:

Punhei eu muit'en me quitar
 de vos, fremosa mia senhor,
 e non quis Deus, nen voss'amor;
 e poi-lo non podi⁵-acabar,
 dizer-vus quer'eu ãa ren,
 senhor que sempre ben quige:
or sachaz⁶ veroyamen⁷
que je soy votr'ome-lige⁸.

De querer ben outra molher
 punhei eu, á i gran sazon,
 e non quis o meu coraçõ;
 e pois que el nen Deus non quer,
 dizer-vus quer'eu ãa ren,
 senhor [que sempre ben quige:
or sachaz⁶ veroyamen
que je soy votr'ome-lige].

E mia senhor, per bõa fé,
 punhei eu muito de fazer
 o que a vos foron dizer,
 e non pud'; e pois assi é,
 dizer-vus quer'eu ãa ren,
 senhor [que sempre ben quige:
or sachaz⁶ veroyamen
que je soy votr'ome-lige].

textual e notação musical (SPAMPINATO BERETTA, 1987, p. 123; RAMOS, 1995, p. 716-718).

⁵ O ms. apresenta a variante <podí>. A oscilação entre <o> e <u> em textos galego-portugueses pode autenticar a conservação da forma do manuscrito mais antigo.

⁶ Não deve ser necessário modificar a lição <sachaz> em *sachiez*.

⁷ A junção das sílabas na fixação do advérbio facilita a leitura, mas oculta o distanciamento silábico previsto no códice para a interpretação musical <ue ro / ya men>.

⁸ São de minha iniciativa as colocações de passagens significativas com caracteres em negrito.

Na impossibilidade de assumir a separação, ou de mudar de *senhor* (*Punbei eu muit'en me quitar / de vos...* [vv.1, 2]; *De querer ben outra molher / punbei eu* [vv. 9, 10] / *punnei eu muito de fazer* [v. 18] / *o que a vos foron dizer* [v.19]), no fracasso do combate travado (*punnei*), e não obstante a inação divina e amorosa (*non quis Deus nen voss' amor* [v. 3]), sobra ao poeta um solene pacto feudal ([D]*izer uus quereu ùa ren. sênor*). A veneração será majestosa e voluntariamente proferida em uma língua adulterada (*or sachaz...*)⁹.

Todas as transformações foram admissíveis. Uma percepção literária inegável da atmosfera galo-românica – uma *chanson de change* – mas, sobretudo, uma diversidade linguística dotada de inovação singular, que favorece a expressividade irónica de um *senhor* que se torna *vassalo* – *ome* “servant” *lige* – ao prestar juramento feudal à *sa* senhor. Para um *seigneur* desta linhagem, a dignidade feudal *às avessas* só poderá ser enganadora e o fingimento da sua asseveração será ainda sustentado pelo corpo de uma língua igualmente *ao revés*. À coerência conceptual está subjacente a inconstância em amor do *fin* amante no *querer ben outra molher*, mas a *chanson de change* estende-se agora à mutabilidade de um *senhor* em *vassalo* e engrandecer-se-á linguisticamente através de uma outra troca com o pronunciar de *ũa ren* feudal (a “banalidade”, quer dizer, a utilização, livre ou forçada, pelos vassalos de coisas pertencentes ao senhor feudal), fidedigna em aparência (a língua feudal da submissão), mas defraudada pela heteronímia e pelo solecismo.

No entanto, não é esta a destreza – núcleos sintácticos – que mais caracteriza os vectores de circulação linguística na tradição textual galego-portuguesa, sabemos-lo bem. Bastaria recordar casos emblemáticos como o de Garcia Mendes de Eixo ou o de Ayras Nunez¹⁰. Mas as interferências mais imediatas e as mais identificáveis são conhecidas. Os vínculos mais incontestáveis coincidem com vocábulos isolados, adaptados ao sistema,

⁹ Outros processos de inovação linguística são observáveis neste mesmo trovador, FerGarEsg, em outra cantiga *Nenguen[n]-ni-min, que vistes mal doente* [B 1510, fl. 316r]. Permito-me enviar para o estudo intitulado *Vectores de circulação linguística na poesia galego-portuguesa*, conferência proferida em Santiago de Compostela [Outubro 2008] no colóquio sobre *Vocabulário Trovadoresco* (RAMOS, s.d.).

¹⁰ Além de estudos, que se ocuparam em particular da coexistência literária de mais de um sistema linguístico (TAVANI, 1981; BRUGNOLO, 1983; BRUGNOLO-ORIOLES, 2002), vejam-se as sínteses sobre *Bilinguismo e Plurilinguismo*, incluídas no *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (ASPERTI 1993, p. 103-105; BREA 1993, p. 553-557).

ou mais raramente decalcados. Todos nos lembramos da presença de formas como <adur>, <affan>, <fis>, <galardon>, <leu>, <senner>, etc¹¹. Formas desemparelhadas, portanto, que se configuram na tipologia da incorporação ao léxico de um termo pertencente a outra língua, quer pela reprodução da forma sem alteração gráfica, quer com adaptação fonográfica. Sem nos determos aqui nas delicadas questões de natureza fonológica para estes casos, procedentes de outros sistemas linguísticos, devemos considerar apenas o *empréstimo* lexical como consequente a um recurso à *auctoritas* e ao vigor da citação literária¹².

A inventividade linguística amplifica-se no caso de FerGarEsg através da interpenetração de dois códigos, não só entre galego-português e uma única modalidade galo-românica, não só também em um artifício retórico entre estrofes e versos. A convocação às duas variedades galo-românicas serve-se de um processo ainda mais meticuloso, cingindo-se a um funcionamento de morfologia derivacional, que se auxilia de regras (flexão, derivação) não inerentes apenas a um único sistema linguístico. Em *sachaz*, o radical apela a *langue d'oïl* e a desinência a *langue d'oc*; em *ueroyamen*, o primeiro elemento com <oy> não deixa de se associar à área setentrional e o segundo <amen> evoca os espaços meridionais.

Mas se o bilinguismo actua na estrutura interna destas formas, é proveitoso observar o exercício linguístico, operado ainda pelo trovador neste *refran* com a inserção à forma concomitante <quige>, em vez da variante mais usual <quis>, que comparece aliás na própria composição no v. 3, *e non quis Deus, nen voss'amor*, em uma curiosa expressividade paronomástica¹³.

¹¹ Eu própria chamei a atenção para a adopção do provençalismo <senner> em uma cantiga atribuível a JGarGh (A 236, v. 8), quer ocultada pela leitura de C. Michaëlis com a transcrição *senhor*, quer alterada pela edição diplomática de H. H. Carter, traído pelo formato da escrita gótica, com a leitura *sen ner* (MICHAËLIS, 1904, I, p. 459; CARTER 1941, p. 137; RAMOS, 1988).

¹² Por *auctoritas* de uma citação, não entendo apenas a reprodução textual de uma passagem literária de um autor, apropriada por outro. Muitas vezes, o recurso pode circunscrever-se apenas à alusão linguístico-cultural, unicamente através da reprodução de um ou outro elemento da outra língua. A estética da recepção e os horizontes de expectativas têm sublinhado a importância do acolhimento textual. As *referências*, a *citação*, ou o simples facto de recorrer a outra língua cultural apresentam-se como formas de validação ou de corroboração do discurso. A *auctoritas* será assim uma forma de sublinhar um uso não corrente, instituindo-o como prática dignificante, sobretudo neste tipo de poesia aristocrática.

¹³ A forma mais comum <quis> é ainda aplicada pelo trovador em A 114, vv. 8, 17; A 125, v. 15; B 227, v. 4.

2. No entanto, transposições de sintagmas, procedentes de outra língua, não se instituem, à primeira vista, como uso particularmente produtivo na tradição textual galego-portuguesa. Percorrer o próprio índice do *Léxico Francês* comprova uma listagem de formas isoladas, desligadas de um ou de outro contexto (GARCIA-SABELL, 1990, p. 367-371). As locuções, quer adjectivas, adverbiais, conjuntivas, interjectivas, substantivas, ou verbais, não parecem figurar na maior parte destes elencos compilatórios.

Vale por isso a pena introduzir nesta reflexão outro caso peculiar, comparável ao testemunho assinalado em FerGarEsg. Em uma cantiga, de atribuição provável a Vasco Gil, *Punhar quer'ora de fazer* (A 156, fl. 39v), C. Michaëlis transcreveu no v. 9, *mais de tod'esto ren m'enchal*. Releia-se a cantiga, retirada da sua edição (MICHAËLIS, 1904, I, cantiga A 156, p. 309)¹⁴:

Punhar quer' ora de fazer
a meus olhos mui gran prazer
que lhes non fiz, á gran sazón,
ca lhes quero fazer veer
a senhor do meu coraçón.

Pero sei ben, u non jaz al,
que lhes verrá én muito mal,
que os non pod' én guardar ren;
mais de **tod'esto ren m' enchal**,
ca eles x' o buscaron ben!

Quand' eles viron mia senhor,
muit' ouveron én gran sabor,
mais non os quise Deus quitar
de grand' affan e de pavor
que pois ouveron d' endurar.

O esclarecimento da expressão, editada no v. 9, parece clara e no *Glossário* da sua edição, C. Michaëlis explicita a proveniência *sub voce*

¹⁴ A cantiga é unicamente transmitida pelo *Cancioneiro da Ajuda* que, como se sabe, não disponibiliza rubricas atributivas, prévias a cada ciclo poético. O nome de VaGil é assim sugerido pela sucessão textual e pelo paralelismo da ordenação das cantigas observado entre os cancioneiros da Ajuda e Colocci-Brancuti (OLIVEIRA, 1994, p. 436-437).

cal, com reenvio para as variantes *chal* e *enchal*. É assim que assevera: “**Enchál** (*inde calet*). No verso 3659 [= A 156, v. 9], (*mas de tod'esto ren m'enchal*) deixei ligados os dois elementos, na firme fé que a fórmula (com *ch*) nos veio prontinha de França [...]”.

Contudo, a explicitação mais extensa será incluída no verbete dedicado a *cal* (CALET), onde C. Michaëlis melhor aclarará a ocorrência:

Da fórmula, certamente popular, *non mihi inde calet* provém as portuguesas *non m'en cal* e *non m'en chal*, no sentido de: é coisa da qual não me vem calor, que não me aqueça nem me arrefenta, que me deixa indiferente; mas não directamente, como se vê do som inicial *ch* e de estar isolada, impessoal mesmo na linguagem arcaica. Feitas e prontas vieram ambas da França – a primeira da Provença, a segunda do Norte (onde se dizia *ne m'en chalt* e posteriormente *ne m'em chaut*; cfr. *nonbalani* e *nonbalance*). No CV temos *cal* umas seis vezes (65 *nõ lbencal*; 533 *se mi cal*; 925 *nemical*; 948 *non menca*; 1157 *ical*); e duas vezes *chal*: 80 *nõ me chal*; 1174 *nõ enchal*). No CA uma única vez 3659: *ren menchal*.- Tal 3 p. pres. ind. de um verbo em-êr não estava isolada, como se vê de *sal sol dol*; mas nem por isso se pode registrar um infinito *caler* (como fez Lang) à vista de *sair soer doer*. Em castelhano, sim, onde se empregava o conjunto *non lis cala* (Berceo, Duelo 175). Cfr. *chal*, *enchal* (MICHAËLIS, 1920, p. 15-16).

Continua a ser esta a caracterização que, acerca desta forma, mais sistematicamente é mencionada. É assim que a alusão à sequência *ren menchal*, referida como ocorrência com uma “única vez” no *Cancioneiro da Ajuda*, tem sido evocada na maior parte dos vocabulários que a este tipo de formas fazem menção¹⁵. Na compilação colectiva *Lírica Profana Galego-Portuguesa* (BREA, 1996, II, p. 958), que tem servido de referência a diferentes recolhas lexicais, é esta a opção adoptada, na medida em

¹⁵ O *Glossário do Cancioneiro da Ajuda* (MICHAËLIS, 1920) é um instrumento incontornável na pesquisa de atestações lexicais e muitas referências apoiam-se regularmente nas localizações apontadas pela filóloga alemã. Convém, no entanto, lembrar que o *Glossário* ajudense é construído com fundamento na sua edição. Esta opção significa que tanto podemos encontrar formas resultantes das suas decisões editoriais, e não necessariamente registo de formas presentes no códice, como também temos de ter presente a inserção de ocorrências, provenientes das cantigas, retiradas do *Cancioneiro Colocci-Branconi*, que C. Michaëlis incorporou na sua edição para a reconstrução do estado primitivo e ideal do *Cancioneiro da Ajuda* (RAMOS, 2004).

que para esta cantiga foi seguida a edição Michaëlis (1904), apesar da publicação posterior da edição de M. Piccat (1995)¹⁶. É ainda o texto, instituído por C. Michaëlis, assim como o enunciado do seu *Glossário*, que serão inseridos nos *corpora* informatizados (*TMILG*, *DDGM*¹⁷), assim como foi também aquela monumental edição a base do elenco subjacente à compilação do *Léxico francês nos cancioneiros galego-portugueses* por T. Garcia-Sabell Tormo (1990, p. 85-88). Desta maneira, este verso tem subsistido na tradição poética de VaGil como uma excepcionalidade da ocorrência de *ren* na sucessão *ren m'enchal*, obtida sempre pela edição e pelo *Glossário* de C. Michaëlis (1904; 1920). Apoiada apenas nestes instrumentos, a raridade lexical poderia levar a uma curiosa reflexão sobre esta única abonação, impondo a adição deste caso aos *hapax*, presentes na tradição textual da lírica galego-portuguesa¹⁸.

Ao observarmos a maioria das atestações, inscrita por estes utilíssimos materiais de consulta, vamos notar que no estado actual dos nossos conhecimentos, a grafia <chal> com <ch> não é a mais constante, limitando-se a sua presença àquele passo observado em VaGil, *tod 'esto ren m 'enchal*, | *ca eles x 'o* e à poesia mariana onde encontraríamos correspondência com outro excerto, referente a Afonso X, *Oi mais non m 'enchal* | | *A Virgen mui groriosa ...* (CSM, Ed. Mettmann 42, vv. 30-31)¹⁹. Esta constatação de uma forma, que não é comum, não deve, contudo, alhear-nos de eventuais decisões tomadas pelos vários editores, quando sabemos que estes recursos disponíveis para consulta

¹⁶ Os organizadores optam por edições mais recentes desde que estas melhorem substancialmente as mais antigas. O procedimento é assim anunciado: "o texto apresentado reproduce a lectura que, en cada caso, foi considerada máis digna de confianza, pero desprovista totalmente do aparato crítico [...]" (BREÁ, 1996, p. 13). Neste caso concreto, a edição de M. Piccat (1995) não foi tomada em consideração por, podemos subentender, não ter aperfeiçoado a edição de C. Michaëlis (1904).

¹⁷ O *TMILG* (*Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega*), projecto de investigação sob a direcção de Xavier Varela do Instituto de Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, abrange unidades textuais distribuídas por várias obras representativas da produção textual medieval: prosa notarial, a prosa não notarial e poesia. Consultável em <http://ilg.usc.es/tmilg/> (VARELA BARREIRO, 2004). O *Dicionario de dicionarios do galego medieval* (*DDGM*), por seu lado, é um multidicionário electrónico, projecto de investigação desenvolvido na Universidade de Santiago de Compostela que reúne uma quinzena de vocabulários elaborados por diversos autores a partir de textos relevantes da lírica e da prosa medieval (GONZALEZ SEOANE, 2006).

¹⁸ Por *hapax* (*legomenon* ou *hapax legomena*), entendo a palavra, ou a expressão, de que só existe uma única abonação nos registos desta língua literária. Não julgo que se deva considerar como *hapax*, apesar da qualidade do que é raro, formas resultantes de empréstimos culturais, mais ou menos adaptadas ao sistema galego-português.

¹⁹ Agradeço muito a Elvira Fidalgo a confirmação da grafia de <chal> com <ch>.

on-line provêm de materiais editados e não de observação directa dos próprios manuscritos²⁰.

A edição afonsina das cantigas marianas oferece ainda a variante *incal, a mi mui pouco m'incal / Como...* (CSM, Ed. Mettmann 235, vv. 78-79) e um outro contexto com <cal> de *e non m' en cal / De muitas guisas...* (CSM, Ed. Mettmann 58, vv. 48-49). A locução comparece também na cantiga de escárnio do rei Sábio (TAVANI, 1967, RM 18, 3) em *Ansur Moniz, mui'ouve gran pesar, no v. 19, pera seu corp', e diz ca non lb'en cal / de viver pobre, ca, quen x'assi fal* (B 482/V 65) e J. Paredes, editor do cancionero profano do rei sábio, inspira-se no comentário de Lapa, assim como no de C. Michaëlis para o esclarecimento do uso da expressão pelo rei sábio, “não lhe importa” (PAREDES, 2001, p. 225-229; 355)²¹.

No entanto, em D. Denis (TAVANI, 1967, RM 25, 84), apesar da emenda de Lang para *m'en cal*, a tradição manuscrita difunde nos dois cancioneros italianos a forma <chal> com <ch>, em *B 497/V 80, Praz-mb a mi, senhor, de morrer* no v. 17, ... *i mays noméchal*²². E outras ocorrências deste tipo são passíveis de ser documentadas em EstGuar (TAVANI, 1967, RM 30, 16), *B 1320/V 925, En tal perfia qual eu nunca vy* no v. 17, ... *dissel n mj cal* ...²³; em LoLias (TAVANI, 1967, RM 87, 5), *B 1341/V 948, A mi quer mal o infaçon* no vv. 18-19, e *sse lbi renga nõ menca*²⁴; em PPon (TAVANI, 1967, RM 120, 12), *B 1640/V 1174, D'un tal ric'ome ouç'eu dizer* no vv. 24-25, *pois el diz que lbi nõ en cha*²⁵. Como se nota por esta especificação, o uso da locução não parece documentar uma prática muito usual.

²⁰ Poderíamos exemplificar com um caso emblemático. Na edição do cancionero de D. Denis, H.H. Lang (1972, p. 13) na cantiga I da sua edição (B 497 / V 80), *Praz-mb a mi, senhor, de moirer*, leu no v. 17, *com mba mort'oi mais nom m'em cal*. A forma *cal* é resultante de uma emenda do *Cancioneiro da Vaticana* que apresenta <nô mé chal> [ff. 7v]. A leitura de B não se afasta daquela do cancionero vaticano, <nomechal> [ff. 111].

²¹ Em B 482, a sucessão gráfica <ca nõ lhental> apresenta na última sílaba <tal> em vez de <cal>. Em V 65 <ca nõ lhencal> é nítida a transcrição <cal>.

²² O códice colocciano mostra realmente <noméchal> (B 497) e o códice vaticano <nô mé chal> (V 80), editado por H. H. Lang (1972, p. 13) como ... *mais nom m'em cal / por quanto vos quero dizer*.

²³ Lapa (1979, p. 119) optou por ... *Diss'el: – Non mi cal / poi-lo ela*, mas B 1320 apresenta <né mj cal> e V 925, ... <né mical>.

²⁴ Lapa (1970, p. 255) transcreveu: *e sse lbi renga non m'en cal / e pesa-m'en e é mi mal*.

²⁵ Os mss. apresentam de facto a transcrição <q'lhí nõ enchal> (B 1640) e <non ench'al> (V 1174). Lapa editou ... *que lbi non en cal / de dizeren d'el mal nen ben* (LAPA, 1970, p. 356; PANUNZIO, 1967, p. 164-166)

3. Perante estes casos, é contudo curioso voltar a observar a lição do manuscrito ajudense na cantiga atribuível a VaGil. De facto, no *Cancioneiro da Ajuda*, a transcrição faculta-nos o verso do seguinte modo: <mais de todesto ne menchal.> (CARTER, 1941, p. 94). A sequência grafemática <ne menchal> é nítida, mas sugeriu a emenda a C. Michaëlis para *ren menchal*. A modificação tanto pode ser devida a uma sua interpretação, como atesta o comentário no *Glossário*, mas talvez a sua leitura possa ter sido induzida pela comparência de *ren* no verso precedente (*que os non pod'én guradar ren*), como admitiu Piccat (1995, p. 231)²⁶. No entanto, a substituição textual não é de modo algum necessária e a leitura crítica deveria ter preservado todo o sintagma, como de certo modo o faz M. Piccat, editando o verso como *mais de tod'esto ne m'én chal* (PICCAT, 1995, p. 229).

Nesta última edição, dedicada à poesia de VaGil, é conservado <ne>, que se encontra no manuscrito, mas o comentário, que reenvia para a bibliografia conceituada (MICHAËLIS, 1904; LAPA, 1970, etc.), não chega, no entanto, a ressaltar uma conjuntura concreta bem diferenciada de todas as outras atestações. M. Piccat, embora se refira ao *hapax*, documentado pelo *Glossário* do *Cancioneiro da Ajuda* de uma locução que, na realidade, não comparece no códice, menciona a grafia <ne enchal> com a justificação da ligação dos dois elementos *enchal* pelo empréstimo francês. E acrescenta: “Lo scambio *nen* por *non* risulta comunque di frequente attestazione...», reenviando para uma ocorrência em Afl.pzBay, *nen mi o quererdes [vós] creer* [v. 3] em *Madre, des que se foi d'aquí*²⁷. Esta explicitação, se bem entendo, pressupõe que o editor italiano considera a leitura da forma como *nen* em lugar de *non* (PICCAT, 1995, p. 231-232). Pode assim deduzir-se que em relação a C. Michaëlis, o <ne> do códice é reavido, mas a qualificação de <ne> em *nen* em vez de *ren* na sequência *ne m'én chal*, não recupera ainda a genuidade da lição. Como vamos ver, não poderá ser este o sentido mais favorável.

²⁶ A propósito desta edição da poesia de VaGil, deve consultar-se a atenta recensão de J. Dionísio (1996).

²⁷ Retiro o verso da recente edição crítica das cantigas de Afl.pzBay de P. Lorenzo Gradín (2008, p. 133-138).

Se excluirmos o mais invulgar contexto afonsino, precedido de <mui pouco> (CSM 235, vv. 78-79), é verdade que a locução é constituída pela expressividade da negação. O acto de negar é consignado nas atestações conhecidas por <non> e, eliminada a conjectura *ren* de C. Michaëlis (1904), sobrar-nos-ia ainda o *nen* da edição posterior (PICCAT, 1995), que poderia encontrar algum apoio no testemunho que comparece nos dois cancioneiros italianos em EstGuar. Mas, aqui, curiosamente o <nen> dos manuscritos foi corrigido por Lapa para *non* e assim conservado na edição colectiva (LAPA, 1970, p. 119; PAGANI, 1971; BREA, 1996, p. 253).

Mas, reobservem-se em conjunto as ocorrências:

- <non m'en chal> [Af. X, CSM 42]
- <non m'en cal> [Af. X, CSM 58]
- <mui pouco m'incal> [Af. X, CSM 235]
- <né mj cal > / <né mi cal> [EstGuar, B 1320/V 925]
- <nõ mencal > [LoLias, B 1341/V 948]
- <ca non lh'en cal> [Af. X, B 482/V 65]
- <nom é chal > [Den, B 497/V 80]
- <lhi non en cal> [PPon, B 1640/V 1174]

A maioria das ocorrências confortaria portanto a sucessão precedida de <non>, que teria traduzido a locução galo-românica ao sistema ibérico ocidental, bastante documentada em provençal, com casos como *no.t cal*, *no. lb cal*, *no .m cal*, *no-m'en-cal*, *no .n li cal*, *no.n cal*, *no.us cal*, *non lur cal*, *no. l'en cal*. Mas grafias com <ch> estão também documentadas nestas bases lexicais como *non chal*, *no me 'n chal*, *no.m chal*, *no m'en chal*, *non chal*, *no-me'n-chal*²⁸. Em provençal, as formas <chal> são naturalmente menos frequentes do que aquelas que sobrevivem com a grafia <cal>, que são mais fortemente adoptadas. Apesar de ser necessário ter sempre presente que estes instrumentos compilativos podem proceder de decisões editoriais com

²⁸ Reenvio para a base de dados, organizada sob a direcção de R. Distilo (1999), *Trobers, Lessico e concordanze della lirica trobadorica*, assim como para as *Concordance de l'Ocitan Médiéval. COM 2* (RICKETTS, 2005). Não posso deixar de agradecer reconhecida a R. Distilo e a D. Billy toda a disponibilidade e trocas de impressões sobre estes materiais.

mudanças por exemplo de <chal> para <cal>, ou vice-versa, vale a pena facultar a título indicativo algumas ocorrências de <chal> em textos provençais:

- (1) *ela·m ditz·: “No m’**en chal**”* [Bernart de Ventadorn, PC 070 028 044]
- (2) *Pois ren dels Comtes **no·m chal*** [Blacasset, PC 096 003a 054]
- (3) ***no m’**en chal****, qar dels malapres* [Bonifaci de Castellane, PC 102 001 005]
- (4) *Ges per guerra **no·m chal** aver consir* [Frederic de Sicilia, PC 160 001 001]
- (5) ***no m’**en chal**** aver, ni consir,* [Comte de Bretagne, PC 178 001 013]
- (6) ***non chal** q’om m’ensegn* [Guillem Figueira, PC 217 004a 002]
- (7) *E **no·m chal** s’entre·ls maritz* [Guillem Rainol d’At, PC 231 002 005]
- (8) ***No·t chal!*** [Guiraut de Borneill, PC 242 003 031]
- (9) ***Ni·m chal** si be·s peiura* [Guiraut de Borneill, PC 242 030 071]
- (10) ***no·m chal** ja mezinar,* [Guiraut de Borneill, PC 242 055 068]
- (11) ***No m’**en chal****; c’ab us mendics,* [Guiraut de Borneill, PC 242 072 055]
- (12) *se vira, **no m’**en chal***** [Guiraut de Borneill, PC 242 074 032]
- (13) *e ja **no·lb chal a nos*** [Guiraut de Borneill, PC 242 075 060]
- (14) *per o **non chal** qu’el trasalba* [Lantemet de l’Aguillo, PC 284 001 021]
- (15) *mas vos **non chal**, sol qe l’enjantz i venza* [Pistoleta, PC 372 006a 024]
- (16) *tota salutz laixer’ a **no m’**en chal***** [Cerveri de Girona, PC 434a 038 009]
- (17) *mas pus midons m’o perdo **no m’**en chal***** [Cerveri de Girona, PC 434a 060 017]
- (18) *e de chan **no·m chal*** [Cerveri de Girona, PC 434a 075 005]
- (20) *ni lor **non chal**, sol lo pros lor n’ eschaia* [Arnaut de Cumenge PC 28 01 017]
- (21) *seguramen, e **non l’**en chal****?* [Sordel, PC 437 I 1001]²⁹.

A variante <chal>, mais infrequente do que <cal> deve ser considerada variante regional e a tradição, documentada com

²⁹ Embora parta dos *corpora* indicados na nota precedente, a indicação que segue a sigla PC refere-se à numeração relativa ao trovador e à localização textual da *Bibliographie des Troubadours* de A. Pillet e H. Carstens (1933).

Cerveri de Girona, deve alertar-nos para esta particularidade de uma forma que, embora minoritária, não deixa de comparecer nos espaços meridionais.

A presença do marcador <ne>, que nos textos provençais está representado por <no>, impõe-nos o exame de outros textos. Se observarmos agora outras formas, mais identificadas com a área setentrional, vamos notar que as atestações evidenciam construções locucionais paralelas precedidas desta vez de <ne>, <n’> como em *lui n’en chalt*, *trop m’en chalt*, *moi n’en chalt*, *alquanz n’en chalt*, *ne vos en chalt*, ilustradas com abonações que se registam, por exemplo em alguns textos franceses:

- (1) *u nun ne m’en chalt* (Thomas [d’Angleterre], *Roman de Tristan*, Ed. Bédier, 1902, t. I, 31, p. 267);
- (2) *ne l’en chalt* ([Thomas d’Angleterre], *Les fragments du roman de Tristan...*, Ed. Wind, 1960, p. 39);
- (3) *ne l’en chalt* (*Tristan et Yseut*, Ed. Payen, 1974, p. 150);
- (4) *lui n’en chalt gneires* (Chrétien de Troyes, *Cligès*, Ed. Micha, 1957, II, p. 136);
- (5) *Trop m’en chalt* (*Eneas*, Ed. Salverda de Grave 1925);
- (6) *alquanz n’en chalt niënt* (Marie de France, *Fables*, Ed. Warnke, 1898, t. VI, p. 50);
- (7) *Ne vos en chalt Ceste requeste* (Marie de France, *Fables*, Ed. Warnke 1898, t. VI, p. 94)³⁰.

De qualquer modo, a expressão *m’en chal* pode ser documentada em área provençal, mas o advérbio <ne> pode ser só atestado, em princípio, em textos setentrionais, a não ser que se possa ponderar a hipótese de uma tradição com modelos francesizados ou francesizantes.

Além de outros textos medievais, na versão galega do *Livro de Tristan*, regista-se justamente a ocorrência <incal> no encadeamento *e ben metedes i mentes, mais non vos incal* com a explicação no *Glosario* ‘nos vos importe’³¹.

³⁰ Reproduzo estas ocorrências do documento publicado por “Éditions Champion Électronique”, *Corpus de la Littérature Médiévale* (Cl. BLUM [Dir.]; D. BOUTET-E. GAUCHER- E. LALOU [Ed.], 2001) Pela consulta da base de dados relativa aos *trouvères*, *Trouveors* (CANNETTIERI 2001), não registo quaisquer fórmulas equivalentes a *ne m’en chal*.

³¹ Os editores explicam a locução adverbial pela proveniência provençal, reenviando para outras

Como em vários outros contextos observados, as sequências com <ne>, como em *ne me chaut, ne m'en chalt, ne l'en chalt, ne l'en chalt*, incitam a reobservar a ocorrência presente em VaGil de outro modo. O <ne> da sequência do códice da Ajuda, e não a negativa <no> ou <non>, como nos textos provençais, não pode ser modificado em *ren m'enchal*. A marca de negação <ne> não pode também ser neste caso entendida sequer como um <nen>, que não comparece na transcrição medieval com qualquer sinal que incentivasse a emenda.

Deverá, por este motivo, a lição ser editada simplesmente como uma locução, bem conhecida na produção lírica galo-românica, aproveitada e mantida na sua integralidade pelo trovador VaGil. A leitura deve assim conservar a transcrição do manuscrito e o verso reproduzido como *mais de tod'esto, ne m'en chal*, como um sintagma globalmente importado do ambiente galo-românico. Manter-se-á o <ne>, preservar-se-á a separação entre <en>, sem qualquer acento, e <chal>, que poderia até entre parênteses recuperar eventualmente a marca desinencial [t] final, <chalt>³².

4. A recuperação, aqui, não será apenas de uma forma galo-românica isolada <chal> / <cal>, mas a reabilitação documentará todo um núcleo sintagmático, facultando ao verso de VaGil uma importância cultural até agora eclipsada³³. O vector, que caracteriza a inserção integral com o decalque, aponta para um recurso linguístico que, tal como em Esgaravunha, evidencia uma disposição literária muito mais eloquente e muito mais portadora de significado do que uma simples apropriação de uma forma isolada e retirada do seu contexto.

A locução *ne me chaut* (*ou ne m'en chalt*) é uma fórmula recorrente. É uma realidade. Os exemplos do provençal demonstram esta constância, precedida de <no>, <non>. No entanto, não se pode considerar que o sintagma em VaGil constitua só uma trivial reprodução do que encontramos nos trovadores da Provença. Não poderá também

atestações já mencionadas (LORENZO GRADÍN; SOUTO CABO, 2001, p. 94 e n. 38).

³² Trata-se de uma expressão que pode ser aproximada de casos como: *Il ne me chaut, il ne m'en chaut guère; point ne m'en chaut; peu me chaut, peu m'en chaut*, etc.

³³ VaGil, incluído em uma linhagem de origem galega, é um trovador que ocupou importantes cargos na corte portuguesa no século XII e na primeira metade do seguinte. A documentação localiza-o, pelo menos em 1238 e em 1258 (OLIVEIRA, 1994, p. 436-437).

ser simplesmente uma unidade interpretável como simples occitanismo. A forma <chal> com <ch>, e não com <c>, como observámos com os exemplos em trovadores provençais, pode não ser exclusiva da área setentrional galo-românica. Bastaria referir os casos notados em Cerveri de Girona, ou mesmo em Guiraut de Borneill. Se a linha de transferência para <chal> é a provençal, o sintagma deve ser considerado como raro na produção lírica, embora não raríssimo³⁴.

Além da posição de <chal> em rima com <mal>, o que poderia até explicar a ausência desinencial de <t>, é verdade que será apenas o <ne> que orienta para uma área setentrional, mas esta presença não pode ser negligenciável. Será suficiente um <ne> para nos encaminharmos para o norte francês, podemos interrogarmo-nos. Certamente que não, se lembrarmos que a produção de *trouvères* não parece, à primeira vista, facultar situações coincidentes. Mas em outros textos, como no *Tristan*, redigidos em francês antigo, mostram construções absolutamente análogas àquela que encontramos em VaGil. Será justamente a comparência de <ne> que virá sublinhar a peculiaridade desta ocorrência em relação a todas as outras presenciadas em galego-português, que adoptam a negação mais usual com <non>, tal como nos testemunhos provençais. Porque terá usado VaGil um sintagma, precedido de <ne> francês nesta cantiga? Como um simples *clin d'œil* ao ambiente poético galo-românico, ou como uma locução, quase imprevista, mas plena de significação na língua do ambiente da autoridade poética?

Não é fácil responder a esta questão, mas se nos detivermos um momento no motivo da cantiga (olhos privilegiados, que vêem tal senhor..., mas Deus...), não podemos deixar de evocar a despossessão do amor no famoso texto de Chrétien de Troyes com ampla circulação manuscrita, *D'Amors qui m'a tolu a moi*, sobretudo na estância IV, no v. 33, *fors que tant mes euz en crui*³⁵. Chrétien de Troyes, embora fascinado

³⁴ Os dados de Ricketts (2005) apontam, além do pequeno número de textos de trovadores, dados muito mais expressivos com ocorrências em outro tipo de textos (*Mystères*).

³⁵ Chrétien de Troyes (c. 1135-c. 1191) foi um poeta e trovador francês dos finais do século XII. É considerado o primeiro novelista francês e o maior *romancier* da Idade Média. Conhece-se muito pouco sobre a sua vida. Supõe-se que tenha nascido em Troyes, de origem burguesa, tendo estudado os clássicos (Virgílio e Ovídio). Viveu na corte de Marie de Champagne (1145-1198), filha de Leonor da Aquitânia, e de Philippe de Flandre entre 1160 e 1185, a quem dedicou a sua obra *Perceval ou Conte du Graal*. Devem citar-se as obras *Erec et Enide*, *Cligès*, *Lancelot ou Chevalier de*

por Tristan, não deixará de condenar a bebida fatídica ao preconizar um amor autêntico, que não se precipita na morte. A penúria de amor é tema clássico, é bem sabido. Por isso, a alusão aos olhos – *mes euç* – não poderá deixar de reenviar a Ovídio (*Amores*, III, IX, vv. 48ss), *perque tuos oculos, qui rapuere meos! / quidquid eris, mea semper eris; tu selige tantum, / me quoque uelle uelis, anne coactus amem!* [Pelos teus olhos que cativaram os meus, / quem quer que sejas, serás sempre a minha bem amada; escolhe apenas se queres que te ame voluntariamente ou à força]³⁶. Mas também poderíamos recordar Châtelain de Coucy, *La douce voiz du louseignol sauvage*, na IV estrofe, *Mont aim mes ieuç qui me firent choisir; / Lors que la vi, li laissai en hostage / Mon cuer, ...* [amo muito os meus olhos que ma fizeram escolher, quando a vi e deixei-lhe o meu coração] (LEROND, 1964). Não será tanto encontrar, a todo o custo, uma correspondência perfeita, até pela natureza da expressão em fórmula fixa, mas é através desta espia, *ne m'en chal*, que podemos entrever uma convocação ao *status* do ambiente cultural galo-românico.

Poderá parecer um aspecto quase irrelevante, mas este tipo de vigilância à lição do manuscrito não deve deixar ainda de nos interpelar. Mais uma vez, uma lição do códice, em um texto de tradição única, emendada por C. Michaëlis, ingressou no seu *Glossário* como forma excepcional, transmitida pelo manuscrito ajudense, convertendo-se em um *hapaks legomenon*, que tem ocultado a plenitude da incorporação cultural. Mais uma vez, teremos de ter constantemente presente que as nossas actuais bases de referência continuam a valer-se destes materiais, citando um *ren m'enchal*, em vez de *ne m'en chal*, [não me importo], que efectivamente não está documentado no *Cancioneiro da Ajuda*. As leituras críticas não são imaculadas, é certo, mas não será nunca supérfluo relembrar a necessidade de regressar sempre à lição que nos transmite o códice.

la Charrette, Yvain ou Chevalier au Lion e Perceval ou Le Conte du Graal.

³⁶ Veja-se sobre a interpretação deste verso e da elaboração da *chanson courtoise* de Chrétien de Troyes, o minucioso comentário de L. Rossi (2001) no seu ensaio dedicado a M. Tyssens, apropriadamente intitulado, “Carestia, Tristan, les troubadours et le modèle de saint Paul: encore sur *D’Amors qui m’a tolu a moi* (RS 1664)”.

Referências

- ASPERTI, Stefano. Bilinguismo/Plurilinguismo na poesia lírica. In: LANCIANI, G; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p. 103-105.
- BÉDIER, Joseph [Ed.]. Thomas d'Angleterre. *Le roman de Tristan par Thomas*. Paris: Firmin Didot, SATF, 1902-1905. 2 v.
- BLUM, Cl. [Dir.]; D. Boutet-E.; Gaucher-E. Lalou [Ed.]. *Corpus de la littérature médiévale*. En langue d'oïl des origines à la fin du XV^e siècle. Paris: Champion électronique, 2001.
- BREA, Mercedes [Coord.]. *Lírica Profana Galego-Portuguesa. Corpus completo das cantigas medievais con estudo biográfico, análise retórica e bibliografía específica*. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literárias Ramón Piñeiro, 1996. v. 1 e 2.
- BREA, Mercedes. Plurilinguismo. In: LANCIANI, G; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p. 553-557.
- BRUGNOLO, Furio. *Plurilinguismo e lirica medievale*. ‘Seminario Romanzo’ a cura di R. Antonelli, 2. Roma: Bulzoni, 1983.
- BRUGNOLO, Furio; ORIOLES, Vincenzo [Ed.]. *Eteroglossia e plurilinguismo letterario*. II, Plurilinguismo e Letteratura. In: CONVEGNO INTERUNIVERSITARIO DI BRESSANONE, 28; Roma, 2000. Atti del xxviii. Rome: Il Calamo, 2002.
- CANETTI, Paolo [Dir.]. *Trouveurs*. Progetto filologico-informatico di R. DISTILO ©textus.org, 2005. Disponível em: <http://trouveurs.textus.org>. Acesso em: maio 2009.
- CARTER, Henry H. [Ed.]. *Cancioneiro da Ajuda*. A Diplomatic Edition. New York-London: Modern Language Association of America; Oxford University, 1941 Reimp.: Milwood, New York: Kraus Reprint Co., 1975; Reimp. com introdução, *A edição diplomática do Cancioneiro da Ajuda*, de M. Ana Ramos, Lisboa, INCM, 2007.

CASTRO, Ivo. *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

_____. *Galegos e Mouros*. Lisboa: Colibri-Cátedra de Estudos Galegos da Universidade de Lisboa, 2002.

_____. *Introdução à História do Português*. Geografia da Língua. Português Antigo. Lisboa: Colibri, 2004.

_____. *Introdução à História do Português*. 2. ed. revista e muito ampliada. Lisboa: Colibri, 2006.

DIONÍSIO, João. Rec. a PICCAT, Marco. *Il Canzoniere di Don Vasco Gil*. Bari: Adriatica, 1995. *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, v. 23, p. 481-485, 1996.

DISTILO, Roco [Dir.]. *Trobvers*. Lessico e concordanze della lirica trobadorica, 1999.

FERNÁNDEZ REI, Francisco; SANTAMARINA FERNÁNDEZ, Antón [Ed.]. *Estudios de sociolingüística románica*. Linguas e variedades minorizadas. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1999.

FERNÁNDEZ REI, Francisco. Posición do galego entre as linguas românicas. *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, n. 15, p. 79-107. Reimpressão em I. CASTRO. *Curso de história da língua portuguesa*. Leituras Complementares. Lisboa: Universidade Aberta, 1991. p. 79-109. [Texto n. 4].

GARCÍA-SABELL TORMO, T. *Léxico francés nos Cancioneiros galego-portugueses: revisión crítica*. Vigo: Galaxia, 1991.

GONZALEZ SEOANE, Ernesto Xosé [Dir.]. *Diccionario de Dictionarios do galego medieval*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela: Verba, *Anuario Galego de Filoloxía*. Anexo, 57, 2006.

LANG, Henry R. (Ed.). *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*. 2. ed. Halle, 1894. Reimp. Hildesheim: Georg Olms, 1972.

LAPA, Manuel Rodrigues [Ed.]. *Cantigas d'Escarnho e de maldizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*. Ed. crítica de M. Rodrigues Lapa. Vigo: Galaxia, 1965; 2. ed., revista e acrescentada. Vigo: Galaxia, 1970. Edição ilustrada: Lisboa: João Sá da Costa, 1995.

LEROND, Alain [Ed.]. *Chansons attribuées au Chastelain de Couci (fin du XIIe-début du XIIIe siècle)*. Edition critique. Paris: Presses universitaires de France (Rennes, impr. Bahun-Rault), 1964.

LORENZO GRADÍN, Pilar [Ed.]. *Don Afonso Lopez de Baian, Cantigas*. Alessandria: Orso, 2008.

LORENZO GRADÍN, Pilar; SOUTO CABO, J. Antonio [Coord.]. *Livro de Tristan e Livro de Merlin*. Santiago de Compostela: Centro Ramon Piñeiro, 2001.

LORENZO, Ramón. Algumas consideraciones sobre a *História do Galego-Português* de Clarinda de Azevedo Maia. *Verba, Anuario Galego de Filoloxía*, n. 14, p. 441-488, 1987.

_____. Emergencia e decadencia do galego escrito (séculos XIII-XVI), *A Lingua galega, Historia e Actualidade*. CONGRESO INTERNACIONAL. Consello da Cultura Galega, Instituto da Lingua Galega, 2004, p. 27-153. Disponível em: <http://www.consellodacultura.org/mediateca/pubs.pdf/galego_historia_3.pdf>. Acesso em: maio 2009.

LORENZO, Ramón. *La traducción gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla*. Ed. crítica anotada, con introduccion, índice onomástico y glosario, I, 1975 e II, 1977. Orense: Instituto de Estudios Orensanos “Padre Feijoo”.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referências à situação do galego moderno)*. Coimbra: INIC, 1986. (Col. Linguística, v. 9). Reimp.: Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, D.L., 1997.

_____. *O galego visto pelos filólogos e linguistas portugueses*. Lisboa: Colibri-Cátedra de Estudos Galegos da Universidade, 2002.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. El dialecto leonés. *Revista de Archivos Bibliotecas y Museos*, n. 14, p. 128-172; 294-311, 1906. Reed. como vol., **El dialecto leonés**. Edición, prólogo, notas y apéndices de Carmen Bobes Naves, Uviéu: Instituto de Estudios Asturianos, 1962; Reed. em 1990 como vol., *El dialecto leonés*. León: Servicio de Publicaciones de la Diputación Provincial de León.

METTMANN, Walter [Ed.]. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio*. Vigo: Xerais de Galicia, 2 v. Reimp. facsimilada da Ed. de Coimbra de 1959, precedida de um *Limiar* de Ramón Lorenzo, 1981.

MICHA, Alexandre [Ed.]. *Cligès, Les romans de Chrétien de Troyes*, t. 2. Paris: H. Champion, 1957 (Col. Les Classiques Français du Moyen Âge, v. 84).

MOLTENI, Enrico. *Il Canzoniere Portoghese Colocci-Brancuti, pubblicato nelle parti che completano il Codice Vaticano 4803*. Con facsimile in eliotipia. Halle: Max Nimeyer, 1880.

OLIVEIRA, António Resende de. *Depois do espectáculo trovadoresco. A estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*. Lisboa: Colibri, 1994.

PANUNZIO, Saverio. *Pero da Ponte. Poesie*. Bari: Adriatica, 1967. Trad. em galego: *Pero da Ponte. Poesias*. Vigo: Galaxia, 1991.

PAREDES, Juan [Ed.]. *El cancionero profano de Alfonso X el Sabio*. Edición crítica, con introducción, notas y glosario. L'Aquila: Japadre (Romanica Vulgaria, 2001, 10).

PAYEN, Jean Charles [Ed.]. *Les "Tristan" en vers...* Paris: Garnier frères, 1974, (Col. Classiques Garnier).

PICCAT, Marco. *Il Canzoniere di Don Vasco Gil*. Bari: Adriatica, 1995.

PIEL, Joseph M. Uma antiga latinidade vulgar galaico reflectida no léxico comum e toponímico de Entre-Douro-e-Minho e Galiza. *Revista Portuguesa de Filologia*, n. 17, p. 387-395, 1975. Texto refundido de uma palestra pronunciada em Janeiro de 1971, em Coimbra: *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989. p. 55-60.

PILLET, Alfred ; CARSTENS, Henry. *Bibliographie der Troubadours*. Halle: Max Niemeyer, 1933.

RAMOS, Maria Ana. Um provençalismo no *Cancioneiro da Ajuda: senner*. In: KREMER, D. (Ed.). *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*. Tübingen: Max Niemeyer, 1988. p. 621-637.

_____. A separação silábica na cópia da poesia lírica galego-portuguesa. Outro indício de antecedentes musicais. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 703-719.

_____. O Cancioneiro ideal de D. Carolina. In: FERREIRO, Charo; PENA, Imaculada (Coord.). *O Cancioneiro da Ajuda, cen anos depois*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2004, p. 13-40.

_____. Percepção literária e diversidade linguística. A propósito de um refran da lírica galego-portuguesa [A 126]. In: _____. *Lenguas en diálogo*. El iberorrománico y su difusión. Homenaje profesor Bossong. Madrid: Frankfurt am Main, Ibero Americana-Vervuert, 2008a. p. 489-498.

_____. Vectores de circulação linguística na poesia galego-portuguesa. In: *Colóquio sobre Vocabulario Trovadoresco*. Santiago de Compostela, Outubro 2008b (no prelo).

RICKETTS, Peter T. *Concordance de l'Occitan Médiéval. COM 2. Les Troubadours. Les Textes Narratifs en vers*. Direction scientifique Peter T. Ricketts, Direction technique Alan Reed, avec la collaboration de F. R. P. Akehurst, John Hathaway, Cornelis van der Horst. Turnhout: Brepols, 2005 (CD-Rom).

ROSSI, Luciano. *Carestia, Tristan, les troubadours et le modèle de saint Paul: encore sur D'Amors qui m'a tolu a moi (RS 1664)*. In: HENRARD, Nadine et al. (Ed.). *Convergences médiévales. Épopée, lyrique, roman. Mélanges offerts à Madeleine Tysens*. Bruxelles: De Boeck Université, 2001, (Bibliothèque du Moyen Âge, 19), p. 403-419.

SALVERDA DE GRAVE, Jean-Jacques. [Ed.]. *Eneas roman du XII^e siècle*. Paris: E. Champion, 1925, (Col. Les classiques français du moyen âge, 44, 62).

SOUTO CABO, José António. O testamento de Estêvão Peres (1230). Aproximação à escrita galego-portuguesa na Galiza. *Revista de Filología Románica*, n. 13, p. 123-149, 1996.

SPAMPINATO BERETTA, Margherita [Ed.]. *Fernan Carcia Esgaravunha, Canzoniere*. Edição crítica. Napoli: Liguori, 1987.

TAVANI, Giuseppe. *Repertorio Metrico della Lírica Galego-Portoghese [RM]*. Roma: Ateneo, 1967.

_____. *Il Mistilinguismo Letterario Romanço tra XII e XIV secolo*. L'Aquila: Japadre, 1981.

_____. Une Provence Hispanique. La Galice médiévale forge de la poésie lyrique péninsulaire. *Romania*, t. 126, p. 4-17, 2008.

VARELA BARREIRO, Xavier [Dir.]. *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega*. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega, 2004-. Disponível em: <<http://ilg.usc.es/tmilg>>. Acesso em: maio 2009.

VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de [Ed.]. *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e commentada. 2 v. Halle a.S., Max Niemeyer, 1904. Reimp. anastáticas: Torino: Bottega di Erasmo, 1966; Hildesheim-New York, Georg Olms, 1980; Lisboa: INCM, 1990.

_____. Glossário do Cancioneiro da Ajuda. *Revista Lusitana*, n. 23, p. V-XII, 1-95, 1920. Separata de 1922. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/component/search/Lusitana%20XXIII.html?ordering=&searchphrase=all>>. Acesso em: maio 2009. Republicado com a mesma numeração como anexo ao 1º vol. da reimp. da edição do *Cancioneiro da Ajuda*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1990.

VÁSQUEZ CUESTA, Pilar. *O que um falante de Português deve saber acerca do Galego*. Lisboa: Colibri-Cátedra de Estudos Galegos da Universidade de Lisboa, 2002.

WARNKE, Karl [Ed.]. *Fables dans Poésies de Marie de France...*, Die Fabeln der Marie de France. Éd. Karl Warnke, Halle: Niemeyer, 1898. Reimpressão em Genève: Slatkine, 1974: *Les Fables*, éd. et trad. Charles Brucker, Paris/Louvain, Peeters, “Ktemata”, 1998.

WIND, Bartina H. [Ed.]. *[Thomas d'Angleterre], Les fragments du roman de Tristan: poème du XII^e siècle*. Genève: Droz-Paris: Minard, 1960 (Col. Textes littéraires français).